

# Discurso democrático hoje: efeitos políticos e ideológicos da formação social capitalista

Juan MONTEIRO 

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

## RESUMO

Fundamentado a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da análise de discurso (AD) materialista, o presente trabalho busca analisar processos de produção de sentidos e seus efeitos sobre democracia em redes sociais digitalizadas, considerando as condições de produção do sistema capitalista e seus efeitos de sentidos históricos, sociais e ideológicos refletidos nas desigualdades entre classes. Desse modo, o artigo subdivide-se em três momentos que buscam compreender a relação discursiva entre produção e consumo na/da formação social capitalista paralelamente as relações de desigualdade entre classes; investigar lugares históricos do surgimento aos contornos mais atuais do capitalismo relacionando as noções sobre democracia e suas condições de produção; e estabelecer materialidades discursivas em torno de discursos sobre democracia pautados no ódio em acontecimentos extraídos de redes sociais. Os resultados apontam para a importância da compreensão de nosso espectro político-ideológico em contraste com a consciência de classe, uma vez que as condições de produção da/na formação social capitalista legitimam a forma-sujeito, no que se refere aos posicionamentos marcados por discursos de ódio contra a democracia.

## ABSTRACT

Based on the theoretical-methodological assumptions of materialist discourse analysis (DA), this work seeks to analyze processes of meaning production and their effects on democracy in digitalized social networks, considering the production conditions of the capitalist system and its



OPEN ACCESS

## EDITADO POR

- Raquel Freitag (UFS)

## AVALIADO POR

- Sôstenes Ericson Vicente da Silva (UFAL)

- Zoroastro Araújo Neto (UFAL)

## DATAS

- Recebido: 13/12/2023

- Aceito: 13/03/2024

- Publicado: 22/07/2024

## COMO CITAR

Monteiro, J. (2024). Discurso democrático hoje: efeitos políticos e ideológicos da formação social capitalista. *Revista da Abralín*, v. 23, n. 1, p. 1-19, 2024.

effects on meanings historical, social and ideological reflected in inequalities between classes. In this way, the article is subdivided into three moments that seek to understand the discursive relationship between production and consumption in/of the capitalist social formation alongside the relations of inequality between classes; investigate historical places from the emergence to the most current contours of capitalism, relating notions about democracy and its conditions of production; and establish discursive materialities around discourses about democracy based on hate in events extracted from social networks. The results point to the importance of understanding our political-ideological spectrum in contrast to class consciousness, since the conditions of production of/in the capitalist social formation legitimize the subject-form, with regard to the positions marked by discourses of hatred against democracy.

### PALAVRAS-CHAVE

Democracia. Capitalismo. Discurso. Ideologia. Discurso de ódio.

### KEYWORDS

Democracy. Capitalism. Discourse. Ideology. Discourse of hate.

### RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Fundamentada a partir da análise de discurso (doravante AD) de base materialista, a presente pesquisa busca analisar processos de produção de sentidos e seus efeitos sobre democracia em publicações realizadas em sites, considerando as condições o sistema capitalista e suas consequências que implicam diretamente nas desigualdades entre classes. Desse modo, o artigo subdivide-se em três momentos que objetivam compreender a relação discursiva entre produção e consumo considerando as desigualdades entre classes; investigar eventos históricos do surgimento aos contornos mais atuais do capitalismo relacionando as noções sobre democracia e os modos como são reproduzidos; e estabelecer recortes sobre discursos sobre democracia pautados no ódio em acontecimentos extraídos de redes sociais. Os resultados apontam para a importância da compreensão de da nossa sociopolítica em contraste com a consciência de classe, uma vez que as condições de produção do nosso sistema determinam a identificação de cada sujeito.

## Introdução

São muitas as demandas consumistas<sup>1</sup> do que convencionou-se chamar de era técnica, capitalismo tardio, contemporaneidade, pós-modernidade, etc.: de períodos mais recentes e/ou atualmente. Se considerarmos as formas pelas quais intelectuais têm chamado o período pelo qual estamos atravessando, talvez seja necessário pensar quais acontecimentos específicos têm atravessado indivíduos que se constituem sujeitos na formação social capitalista. Desta forma, é oportuno pensarmos o quanto estudos de caráter materialista tem dado conta da reflexão em torno dos diferentes lugares e diferentes problemas da atual conjuntura sociopolítica. Eis aqui as relações de reprodução-desigualdade-subordinação-transformação entre classes sociais, o que nos permite pensar criticamente acerca do consumismo tão naturalizado/cristalizado no sistema capitalista.

Uma das vertentes aqui consideradas importantes para tratar sobre as relações entre classes sociais sob a perspectiva materialista é a Análise de Discurso (doravante AD). Neste sentido, a formação social capitalista é analisada pela via do discurso, estando este relacionado ao sujeito nos processos históricos e ideológicos que o constituem. Assim, para analisar as formações discursivas filiadas a determinadas formações ideológicas, é preciso que as relações entre classes sejam capturadas com seus dispositivos – consumismo, fetichização, exploração, produção, reprodução, etc. – sendo estes estabelecidos historicamente nas relações sociais.

Considerando as diferentes conjunturas e fases do capitalismo, os lugares sociais, históricos e ideológicos em que as desigualdades entre classes persistem, são âmbitos que, através da Análise de Discurso, são tomados como objeto de estudo no decorrer deste artigo. Paralelamente a isto, é importante reflexões acerca das diferentes noções em torno da democracia, dado o fato de que as desigualdades entre classes existem e é preciso pensar o quanto o Estado intervém para, na medida do possível, quebrar a lógica do capital e/ou para legitimá-la. Dito isto, levando em consideração a atual conjuntura sociopolítica atravessada por redes tecnológicas, polarização entre grupos, divergências ideológicas, mídia tradicional e novas mídias, é oportuno pensarmos que sujeitos dos mais variados tipos discursivizam em embates sobre a democracia, produzindo assim espaço para o ódio.

Conforme Rancière (2014): “É óbvio que o ódio à democracia não é novidade. É tão velho quanto a democracia, e por uma razão muito simples: a própria palavra é a expressão de um ódio” (p. 8). O autor supracitado explica que tudo começou na Grécia Antiga em diferentes conjunturas, seja para atacar a ordem legítima, seja para abominar governantes por inúmeros motivos.

Quando nos referimos à formação social capitalista, relativizamos os diferentes lugares sociais, históricos e ideológicos para uma análise discursiva com vistas à compreensão dos sentidos sobre a democracia. Desse modo, tomamos como base o sujeito que enuncia em uma sociedade desigual e consumista, dentre outros adjetivos, quando se fala em uma política, caracterizada pelo ódio, pela existência de pautas

---

<sup>1</sup> Consequências da dinâmica capitalista e das formas pelas quais os sujeitos reproduzem, se apropriam e/ou se identificam para além dos bens e consumo; compartilhando até mesmo os interesses de tal sistema como, por exemplo, indo na mesma direção de grupos políticos que defendem os interesses dominantes.

sobre o “discurso de ódio”, inclusive quando a lógica do capital prevalece e os sentidos derivam para o que os sujeitos, por meio de formações discursivas, não aceitem a democracia em vigência.

## 1. Consumismo e desigualdade

Se os humanos, enquanto sujeitos sociais, vivem em um mundo cheio de desigualdades, é sinal de que os detentores do poder falharam como ‘humanos’ civilizados, tanto pelos governos em suas diversas instâncias, como pelas instituições capitalistas que lucram. Não é o bastante entendermos que os indivíduos humanos são sujeitos da/na “práxis social”, como afirma Lukács (2013), quando, por exemplo, diz que é “correto ver no trabalho o modelo de toda práxis social, de qualquer conduta social ativa” (p. 83). Isto implica refletir acerca do fato de que o trabalho faz parte da práxis humana, sendo esta última composta por diversos fatores que a diferenciam de eventos próprios da natureza humana. De todo modo, é preciso pensar que a ideologia e a história também determinam a constituição do sujeito. E nesses diferentes lugares – histórico-social-ideológico – os humanos sujeitos se diferem dos outros animais por dois motivos: a fala e o trabalho. Em última instância tomaremos esses dois processos constitutivos como o discurso e o capital, podendo a AD contribuir com o enlace entre a práxis social e o discurso, sendo este último relacionado a determinações que envolvem sujeito, história e ideologia.

O percurso teórico aqui adotado é sucedido por aspectos metodológicos compostos por dispositivos de análises que derivam para discursos sobre a democracia atualmente. Sendo assim, iniciamos com uma discussão que busca a compreensão de efeitos de sentidos sobre a formação social capitalista. Ideologia e discurso são importantes conceitos para que pensemos na política que se estabelece, que são marcadas por discursos filiados a formações ideológicas do capital em suas relações de produção.

As relações de produção do capitalismo possuem relação não somente com as desigualdades determinadas pelo capital, mas também com as ações políticas, como afirma Tonet (1995):

[...] o conjunto das relações de produção, não é de modo algum uma simples questão de economia ou de história ou de sociologia. É uma questão eminentemente filosófica, pois é a resposta à pergunta: qual é o fundamento ontológico do processo de tornar-se homem do homem? Deste modo, não é o abandono, mas a efetivação prática – no trabalho científico – daquelas determinações ontológicas, descobertas no ano de 1844, que permite a Marx realizar a crítica da economia política (Tonet, 1995, p. 47).

Conforme o autor supracitado, há, sobretudo, uma relação filosófica dentre as áreas do conhecimento – economia, história, sociologia – para tratarmos sobre as relações políticas que dispersam sentidos para o mundo do trabalho e da economia face às relações desiguais. O mencionado “homem do homem” está em conformidade com os pores teleológicos que Lukács (2013) trata ao se referir ao trabalho:

O fato simples de que no trabalho se realiza um pôr teleológico é uma experiência elementar da vida cotidiana de todos os homens, tornando-se isso um componente imprescindível de qualquer pensamento, desde os discursos cotidianos até a economia e a filosofia. O problema que aqui surge não é tomar partido a favor do

caráter teleológico do trabalho ou contra ele; antes, o verdadeiro problema consiste em submeter a um exame ontológico autenticamente crítico a generalização quase ilimitada – e novamente: desde a cotidianidade até o mito, a religião e a filosofia – desse fato elementar (Lukács, 2013, p. 47).

Se somos determinados pelo trabalho realizado por pores teleológicos primários e secundários e por isto nos diferenciamos de outras espécies animais, podemos afirmar também que a linguagem é essencial para que exista um sentido ontológico no mundo do trabalho. Desse modo, os humanos possuem formas específicas de linguagem que atendem a complexidades linguísticas formam estruturas específicas. Neste sentido, a gramática não é uma teoria da “parole”, em termos saussurianos, ou do “desempenho” – performance –, devendo o linguista, segundo Chomsky (1978), centrar-se na “competência”. Como vemos, os gerativistas se apoiam em competência e desempenho linguísticos:

A competência destaca-se como a capacidade de produzir variadas sentenças, em outras palavras, o sujeito sabe produzir sentenças de acordo com uma gramática interna, no qual, já sabemos distinguir uma frase gramatical ou agramatical. E desempenho é o uso concreto da língua. (Chomsky, 1978, p. 12)

Apesar do fato de termos Ferdinand de Saussure (2006), como precursor da Linguística enquanto Ciência, existem importantes contribuições ainda aceitas e utilizadas por linguistas de diversas gerações. Ao falar sobre a abordagem biológica do estudo da linguagem humana, Chomsky não coloca o Gerativismo como “a ciência” capaz de compreender a linguagem, mas afirma o seguinte: “Cada abordagem define o objeto de sua investigação à luz de suas preocupações especiais; e cada uma deveria tentar aprender o que pode com as outras” (Chomsky, 1998, p. 20)

Concordando com Chomsky, tomo o discurso como objeto de minha investigação e reflito acerca das contribuições de Michel Pêcheux sobre Saussure, que, segundo Pêcheux, ao excluir a fala, autoriza o surgimento do sujeito: “A fala, enquanto uso da língua, aparece como um caminho da liberdade humana; avançar no caminho estranho que conduz dos fonemas ao discurso é passar *gradatim* da necessidade do sistema à contingência da liberdade” (Pêcheux, 1997, p. 72).

Em termos discursivos, as relações de produção influenciam as reproduções – em nível discursivo-ideológico – e transformações que acontecem numa dada conjuntura social, num dado período histórico. Entretanto,

[...] seria absurdo pensar que, numa conjuntura dada, todos os aparelhos ideológicos de Estado contribuem de maneira igual para a reprodução das relações de produção e para sua transformação. De fato, suas propriedades “regionais” – sua especialização “evidente” na religião, no conhecimento, na política, etc. – condicionam a importância relativa (a desigualdade de suas relações) no interior do conjunto dos aparelhos ideológicos de Estado (Pêcheux, 1995, p. 145).

Apesar das relações de produção serem importantes para a compreensão das relações desiguais em que os sujeitos são constituídos sob a égide das bases estruturais capitalistas, é fundamental recorrermos as condições em que estas relações são materializadas. Para tanto, este trabalho direciona-se mais adiante para uma discussão sobre as *condições de produção*, especificamente pensadas a partir de uma perspectiva histórica em torno dos sentidos construídos sobre a democracia.

Por ora, nos deteremos a uma reflexão sobre algumas características da formação social capitalista, pois pensar sobre uma sociedade democrática é – em uma perspectiva materialista – pensar em uma sociedade justa e igualitária. Isto implica pensar as relações de produção e o quanto (de modo desigual) os indivíduos da dinâmica capitalista estão sujeitos ao consumismo. Se pensarmos, por exemplo, fora da perspectiva materialista e/ou de outras ciências sociais e humanas, indo numa direção das ciências sociais aplicadas e/ou, de modo mais acentuado, para as ciências mais duras e/ou lógico-matemáticas, é provável que se chegue à conclusão de que o próprio capital dará conta de resolver suas demandas. É como se houvesse possibilidades para, na medida em que estejam integrados, estejam passíveis a consumir mais, criando a ilusão de que as desigualdades estariam sendo apagadas. Ou seja, o sujeito que trabalhar mais, poderá consumir mais e, assim, a produção se intensifica havendo não somente desigualdade como também exploração, reforçando “o sentimento disseminado de que o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, sendo impossível imaginar uma alternativa a ele” (Fisher, 2020, p. 10).

É justamente pelo viés da crença de que o capital é o único sistema viável que ocorrem tendências ideológicas que prezam por um Estado mínimo, sendo favoráveis ao livre mercado, na medida em que idealizam uma democracia com um Estado cada vez menos intervencionista. No Brasil, recentemente, há formações discursivas que se vinculam a este tipo de tendência, estando os sujeitos filiados a estas formações determinados por posições de direita e/ou conservadoras, no que se refere ao espectro político.

## 2. Condições de produção do discurso de ódio à democracia

Na medida em que existe ou se intensifica a crença no sistema capitalista como único e viável, abrem-se precedentes para que os sentidos relacionados à democracia sejam cada vez mais contraditórios. Tais contradições podem ocorrer, especificamente, sobre tudo que pode derivar para uma sociedade democrática em que o sujeito seja ideologicamente alinhado a posições contra seus próprios direitos em uma espécie de cegueira coletiva, legitimada por discursos conservadores. Assim, até mesmo sobre os deveres podem ocorrer contradições. Quando o capitalismo altamente consumista é tomado como a fórmula para o crescimento econômico de cada indivíduo, é provável que o Estado esteja passível de críticas, inclusive sobre a democracia que o mesmo deve garantir ou sobre os sentidos que circulam em torno dela.

Pensemos, por exemplo, num sistema de governo no qual o assistencialismo ocorre em relação a famílias de classe baixa por motivos democráticos entre ações dos poderes legislativo e/ou legislativo e/ou judiciário. É comum que a classe média reclame por não se sentir representada ou achar desnecessário e aí, eventualmente, podem ocorrer duras críticas a um ou mais dos mencionados setores e/ou figuras políticas que os representem. Tanto o dever do Estado como a garantia dos direitos dos cidadãos

são minimizados pelos setores socioeconômicos com interesses que se alinham a dinâmica do capital – ou pelos sujeitos que se sentem representados – e, decerto, uma solução que dialogue com interesses dos capitalistas ou do que se convencionou chamar de “livre mercado”.

Considerando as diferentes fases do sistema capitalista, é preciso que haja uma reflexão sobre em quais condições as demandas do capital (re)produzem formações discursivas e ideológicas que fazem valer a dinâmica da formação social capitalista. É preciso considerar também as relações de produção em que os discursos – assim como as formações ideológicas – funcionam segundo a lógica aqui mencionada. Devemos pensar, então, “as condições da reprodução/transformação das relações de produção” que, segundo Pêcheux (1995), “se repercutem, com deslizamentos, deslocamentos, etc., no todo complexo das ideologias [...] sob a forma de relações de desigualdade-subordinação que determinam os “interesses” [...] em luta numa conjuntura dada” (p. 191, grifos do autor).

É necessária uma análise cuidadosa acerca do todo complexo das ideologias que Pêcheux chama atenção. Não se trata de compreender apenas questões relacionadas às formações ideológicas que são representadas por formações discursivas. Trata-se de uma investigação minuciosa – por uma ótica materialista – de como as relações desiguais ocorrem em diferentes contextos

[...] não se fica quite com o materialismo histórico pela simples referência às condições de produção sócio-históricas do discurso, é preciso, ainda poder explicar o conjunto complexo, desigual e contraditório das formações discursivas em um jogo numa situação dada, sob a dominação do conjunto de formações ideológicas (Pêcheux, 1995, p. 253-254).

Conforme explica o autor supracitado, é possível que, pela via analítico-discursiva de base materialista, seja feita uma investigação acerca de determinadas situações ou, mais especificamente como diria Orlandi (2001), “acontecimentos” para que identifiquemos lugares históricos, sociais e ideológicos sobre a democracia do/no capitalismo.

Os resquícios da Idade Média que sobreviveram na Idade Moderna, teoricamente, teriam sido apagados/silenciados – ou quase isto – pelo projeto burguês que surgiu com a Revolução Francesa. Vejamos, então, que a classe burguesa aparece para marcar – juntamente com o capitalismo – o início de uma nova era com valores: de igualdade, liberdade e fraternidade. Tudo isto na verdade não passa de uma ladainha para justificar a exploração do capital, e ao mesmo tempo, disseminar uma ideia de liberdade plena do sujeito, sendo tudo isto bem criticado por Marx (2011) em sua mais famosa obra, *O Capital*.

Tendo as alianças burguesas expandido com seus ideais em diferentes lugares do mundo, vivemos todos sob a égide de uma estrutura capitalista com mais ou menos resistências, sendo estas sobredeterminadas por condições de produção do discurso que ora aproxima-se e ora distancia-se da/na dinâmica capitalista. Diante da falsa promessa de liberdade plena do sujeito, em um mundo hipoteticamente propício a igualdade e a fraternidade, pensamos em direitos e deveres que podem convergir ou divergir com os ideais capitalistas:

O sujeito que é livre para fazer suas escolhas e precisa ter responsabilidade para não ser um fracasso diante de todo esse sistema que o explora e ao mesmo tempo o faz sonhar em ser cada vez mais voltado para o lado da magia do consumo. Eis a forma-sujeito de direito – da memória discursiva dos valores da Revolução Francesa que funciona conforme os interesses de ideólogos burgueses (Andrade, 2022, p. 17).

Em diferentes contextos, como no Brasil, sem necessariamente considerar o que não somente foi trazido para as américas por europeus, o capital se adapta em diferentes conjunturas com uma linguagem local/universal para explorar, dominar e expandir-se. Desde o período colonial, nossos diferentes processos democráticos – independência, república, redemocratização, etc. – não mudaram o fato de que o Brasil sempre foi dominado por uma elite agrária, havendo sempre duras críticas a quaisquer tentativas estatais de uma redistribuição de terras ou de renda.

Ao mesmo tempo em que tratamos aqui sobre um fato social brasileiro, tratamos também de um contraste universal da formação social capitalista que possui um viés histórico e ideológico. Encerramos, então, a presente seção com uma reflexão pecheutiana sobre as manobras da burguesia que podem intervir nas noções sobre democracia:

[...] a questão do poder do Estado não é direta, de tal modo que a burguesia pode, em aparência, evitar a luta política e declarar-se apolítica [...]. A ficção empirista (e o cinismo cético que a acompanha) corresponde, ao contrário, à *forma burguesa da prática política*, sempre que a mesma burguesia é obrigada a “fazer política” manobrando, embaralhando as cartas, etc., isto é, quando ela conduz a luta política sob a forma de um *jogo* (Pêcheux, 1995, p. 121, grifos do autor).

### 4. Análise do corpus

A formulação do presente *corpus* discursivo não é tomada apenas como um “conjunto de sequências discursivas estruturado segundo um plano definido em referência a um certo estado das condições de produção do discurso” (Courtine, 2014, p. 114), pois vale pensar a formação de um *corpus* em sua amplitude para o trabalho de um analista. Neste sentido, utiliza-se a materialidade discursiva, uma vez que esta deva ser tomada sob a égide do conhecimento que se constitui em um trabalho de interpretação por um dispositivo teórico (noções da AD) e um dispositivo analítico (especificidade da análise).

Se separarmos então a materialidade discursiva da noção de *corpus* discursivo para que não sejam confundidos, será entendido o último como um objeto de análise que serve para a seleção de materialidades em recorte ou sequências discursivas que podem ser feitos em sua totalidade. Certas noções, como a de recorte, permitem ao analista de discurso “falar da natureza das unidades (da segmentação) e da abrangência da análise”. Outras noções precisam de delimitações para que a abrangência da análise seja compreendida no tocante aos recortes que são feitos no procedimento, que busca demonstrar o funcionamento discursivo, “em que se procuram determinar os processos de sua constituição e que são de natureza sócio-histórica” (Orlandi, 1984, pp. 10-11).

Os recortes aqui estabelecidos foram extraídos de imagens de páginas da internet através do recurso *Print Screen*, para possibilitar a captura do acontecimento discursivo como o internauta vê. Na análise que segue, os pressupostos teórico-metodológicos da AD se voltam a materialidades discursivas em torno de processos de produção de sentidos e seus efeitos sobre democracia, especificamente no período pré e pós-eleições 2022, em manifestações contra os resultados nas urnas eletrônicas e as ações do Supremo Tribunal Federal (STF).



FIGURA 1 – Manifestações pró-Bolsonaro no dia 7 de setembro (2022)

Fonte: UOL<sup>2</sup>

Na imagem acima, populares apoiadores do até então presidente Bolsonaro manifestam opiniões através de cartazes, constatando o descontentamento com o processo eleitoral que estava próximo, com o Supremo Tribunal Federal (STF) e contra o Partido dos Trabalhadores (PT). Alguns recortes foram extraídos da figura 1:

#### Recorte 1

VOTO IMPRESSO AUDITÁVEL JÁ!  
SUPREMO É O POVO  
Quem não luta pelo futuro que quer, tem que aceitar o futuro que vier.  
Vamos limpar o Brasil Fora CorruPTos.

Os trechos recortados indiciam críticas de parte da população com relação ao sistema eleitoral, possibilitando novos recortes por meio de sequências discursivas (SDs) que podem ser associadas ou mescladas em uma rede de sentidos. O entrecruzamento entre estas regiões de sentidos que compõem o discurso de eleitores do Bolsonaro inicia-se pelo que é aqui definido como sequência discursiva 1 (doravante SD1): “VOTO IMPRESSO AUDITÁVEL JÁ!”. Este enunciado se situa em uma zona de sentido em que há um descontentamento sobre o processo eleitoral, e nele o sujeito que enuncia demonstra não confiar no processo eleitoral que ocorre por meio de urnas eletrônicas. Com isto, tal enunciado, muito compartilhado entre estes eleitores, acaba funcionando como retórica contra o sistema democrático.

Na mesma direção da SD1 está o dizer “Quem não luta pelo futuro que quer, tem que aceitar o futuro que vier” (SD2), que funciona como argumentação para legitimar os atos contra o sistema

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/09/07/cartazes-7-de-setembro-bolsonarista.htm>>. Acesso em: 30 out. 2023.

democrático, independentemente de seu resultado. Quando se diz que é preciso lutar pelo que “quer” para não ter que aceitar o que “vier”, trata-se de um dizer autoritário que impõe sua opinião independentemente do que for decidido pelo voto democrático. Assim, há também um funcionamento discursivo que possui relação com o “querer” de parte da população. Os apoiadores de Bolsonaro ainda dizem que “SUPREMO É O POVO” (SD3), em um jogo discursivo metafórico para exaltar o povo e deslegitimar ações do STF no que tange aos atos antidemocráticos. De modo contraditório, esta zona de sentido considera o STF uma instituição que abusa do poder, tendo, segundo os discursos aqui destacados, o povo mais poder que esta instituição.

Há ainda o discurso “Vamos limpar o Brasil Fora Corruptos” (SD4) que indicia outra zona de sentido. Desta vez, é feita uma relação com a oposição e não necessariamente com as instâncias que estão no poder. É preciso considerar assim, pois o PT – evocado no enunciado como sendo uma marca para a corrupção – tem de volta o seu candidato à presidência Lula concorrendo mais uma vez. O discurso faz então relação com o fato de que é preciso “limpar” a corrupção. Ao associarmos a SD4 ao exposto nas outras SDs que reclamam das autoridades e do atual modelo democrático, constatamos formações discursivas e ideológicas que querem barrar qualquer ameaça que possa evitar a reeleição do candidato apoiado pelos manifestantes. Até então as manifestações ocorriam com seu direito democrático garantido pelo Estado, mas até quando os sujeitos apoiadores destes movimentos respeitariam a democracia? Veremos mais adiante como os processos de produção de sentidos e seus efeitos sobre democracia vai tomando forma em outros acontecimentos discursivo nos quais discursos de ódio estão presentes.

O recorte 1 indicia o ódio ao sistema democrático em vigor, bem como as instituições que o seguem ou podem fazê-lo funcionar ou hipoteticamente se beneficiar a partir dos mecanismos da democracia garantidos por lei. Os enunciados discursivizados contrastam então com a formação ideológica (FI reacionária<sup>3</sup>) que funciona conforme a dinâmica capitalista e possui um viés político com vertentes como a da direita conservadora, sendo assim definida a formação discursiva: FD direita-conservadora.

Seguimos, assim, para a próxima figura:

---

<sup>3</sup> Ideologias filiadas a opiniões políticas que favorecem o retorno a um estado político anterior da sociedade. Como adjetivo, a palavra reacionário/a descreve pontos de vista e políticas destinadas a restaurar um status quo do passado e, no caso dos discursos aqui analisados, esta relação filia-se dinâmica capitalista.



FIGURA 2 – Intervenção militar  
Fonte: O Tempo<sup>4</sup>

Diferentemente da figura 1, a figura 2 traz apenas um enunciado, mas antes de qualquer aprofundamento na análise de discurso contida nos enunciados dos cartazes, é preciso considerar o todo, pois a AD não se faz apenas pelo discurso textual, mas também nos diferentes modos pelos quais os discursos se materializam e, dentre estes está o discurso imagético:

Importam as palavras usadas assim como a sintaxe do texto, no caso da materialidade verbal. Importam as imagens em seus vários elementos constitutivos, tais como as cores, a relação luz e sombra, a perspectiva, os traços no caso da materialidade visual. E no caso de um texto alocado no espaço digital, importam também os links, muitas vezes o movimento de imagens, a sonoridade e a musicalidade, em caso de vídeos (Lagazzi, 2011, p. 499).

Como LAGAZZI (Ibidem) explica, a imagem nos diz muito e, portanto, tendo como base o exposto na figura 2, é possível notar o simbolismo dos atos que pedem por “intervenção federal” (SD5), pois os manifestantes utilizando bandeiras ou vestidos de verde e amarelo situam-se em localidade próxima a um Quartel Militar. O mesmo ocorreu em diversos municípios brasileiros em frente a Quartéis Militares e Tiros de Guerra, em um movimento contra os resultados das eleições presidenciais, cujo candidato dos manifestantes foi derrotado no segundo turno.

As cores da bandeira nacional presentes nas roupas – assim como a própria bandeira sendo carregada por diversas pessoas – pertencem a uma estética que tem sido representada como “patriota”. O atual discurso dito patriótico possui filiações ideológicas com as vertentes políticas

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/economia/protestos-em-frente-quarteis-pedem-intervencao-militar-em-8-estados-e-no-df-1.2760435x>>. Acesso em 30 out. 2023.

eleitorais/partidárias de partidos de extrema direita como a do candidato que havia perdido a disputa para presidente em 2022. Tudo isto junto a SD5 indica o pedido de intervenção *militar*, sendo o último significante modalizado para *federal* (intervenção federal). Tal mecanismo busca a desvinculação de uma derivação: o *golpe militar*. Fazendo uma leitura histórica, é comum que sujeitos da cena eleitoral filados à direita conservadora, assim como seus eleitores, apoiem o golpe militar de 1964, fazendo outra modalização: *intervenção militar*. Eis então as marcas discursivas de atos anti-democráticos filiados a FD direita-conservadora, inscritas na FI militar.

O espírito cruzadista da FI militar mesclou com as pautas conservadoras e, neste movimento, a FD direita-conservadora tende a vincular-se a discursos e enunciados que minimizam assuntos que tratam sobre classes sociais. Há, então, uma maximização da FI reacionária, havendo uma naturalização das pautas conservadoras como sendo pautas da direita. Nesse sentido, é compartilhado entre os sujeitos inscritos nestas formações um sentimento de luta entre o bem e o mal, na qual, obviamente, estes se intitulam como “cidadãos de bem” que podem quebrar ou forçar para que mudem certas regras. Estes sujeitos brigam por uma soberania formulada dentro dos termos com os quais se identificam para legitimarem o que apresentam como a vontade popular. Nada que já não tenha ocorrido na formação social capitalista:

Bem ou mal, a ficção do "povo soberano" serviu como traço de união entre a lógica governamental e as práticas políticas que são sempre práticas de divisão do povo, de constituição de um povo suplementar em relação ao que está inscrito na constituição, representado por parlamentares ou encarnado no Estado (Rancière, 2014, p. 97).

Os atos pós-eleições 2022 em evidência na figura 2 indiciam, portanto, um lugar histórico de repúdio ao processo democrático. Nestes atos discursivos estão presentes muitas pessoas que são constantemente denunciadas por discursos de ódios. Mas afinal de contas, o que tem a SD5 a ver com o discurso de ódio? Trata-se de um ódio à democracia e às instâncias reguladoras como o STF, como observado também na SD3. Trata-se de um mesmo movimento discursivo, mas não apenas por isto e/ou por questões partidárias/eleitorais, mas por existir um chamamento que possui filiações discursivas e ideológicas com outros lugares de injúria, a formação ideológica militar (FI militar) que, em outros momentos históricos, não somente não respeitou a democracia como agiu com força repressiva e, portanto, com ódio em relação aos que ocupavam os lugares de subordinados que não estavam de acordo com a ditadura militar.

Passemos então para a análise da próxima materialidade:



FIGURA 3 – Ataques ao Congresso Nacional  
Fonte: Folha de Pernambuco<sup>5</sup>

Na figura 3 registrou-se uma imagem com um dos momentos em que quebram vidraças do Congresso Nacional em Brasília no dia 8 de janeiro de 2023. Tratam-se das manifestações contra a posse do presidente Lula que ocorreu no primeiro dia do mesmo mês e ano. Mais uma vez, assim como na figura 2, não é preciso que sejam feitos recortes discursivos como possibilitou a figura 1. Isto decorre do fato de que a figura 1 contou com uma diversidade maior de enunciados, enquanto a figura 2 contou com apenas um enunciado e a figura 3 com nenhum. Desse modo, é importante que seja colocado que o discurso imagético é importante para a leitura de todo o contexto, pois o discurso não se trata apenas de algo textual, dos textos contidos em enunciados, mas também das imagens, gestos e tantas outras formas discursivizadas de acontecimentos, que são acontecimentos históricos. Segundo Pêcheux (1999), o acontecimento histórico é “um elemento histórico descontínuo e exterior” (p. 49), ou seja, é um evento que causa uma nova leitura dos acontecimentos.

Tendo como base então este acontecimento discursivo, histórico e representado por um registro imagético, nos deparamos com o percurso temporal dos acontecimentos de cada figura: figura 1 (07/09/2022); figura 2 (02/11/2022); e figura 3 (08/01/2023). Como se nota, há, cronologicamente falando, um espaço médio de 2 meses entre os acontecimentos de cada evento registrados/exibidos entre as figuras 1, 2 e 3. Com isto, é possível demonstrar que cada uma dessas figuras vai tomando um corpo diferente no que tange a presença de enunciados. Este esvaziamento discursivo-textual foi notado não somente nas imagens aqui expostas, mas em várias outras, o que significa que gradativamente as manifestações foram sendo menos textuais/enunciativas. Os sujeitos que enunciam foram a cada manifestação tomando formas diferentes de se manifestarem. E assim, gradativamente os protestos perderam o teor pacífico para então o ódio se materializar não somente como atos

<sup>5</sup> Disponível em: < <https://www.folhape.com.br/politica/bolsonaristas-deixam-rastro-de-destruicao-e-saques-na-invasao-ao/253291/>>. Acesso em 05 dez. 2023.

discursivo-textuais como os de injúria, repúdio e/ou desaprovação, mas em atos literalmente violentos como os de destruição ao patrimônio público.

Estes movimentos possuem relação com outros em outros lugares históricos no Brasil. Em junho de 2013, por exemplo, movimentos contra a esquerda brasileira, dentre outros que divergiam no mesmo período, tomavam as ruas e, em muitos dos casos, também destruíam o patrimônio público como forma de manifestação contra o governo Dilma, em seu primeiro mandato. Com isto, nota-se a importância da compreensão destes lugares de injúria e revolta no interdiscurso da cena sociopolítica nacional:

A cidade, como parte de territórios em que é significada pela concepção empírica dominante de espaço urbano e a sobreposição que resulta em um viés abstrato e descontextualizado, é tomada como ponto de partida de nossas reflexões sobre as jornadas de junho de 2013 no Brasil; todavia, considerando que as manifestações de rua fazem parte do retorno do urbano sobre a cidade, pela rede de relações sociais de valor político, que ali estabelecem (Pereira; Monteiro, 2023, p. 472-473).

Como afirmam os autores supracitados, as manifestações de rua evocam o pré-construído (interdiscurso) da política brasileira e, indo um pouco mais distante na reconstrução do fio do sentido, deparamo-nos com outro movimento: “caras-pintadas” (1992), pelo *impeachment* do Collor. Em todos estes momentos de manifestações populares – 1992, 2013 e 2023 – as cores da bandeira nacional estiveram muito presentes em pinturas na face, bandeira, camisas, etc., o que indica discursivamente a identificação dos sujeitos, que enunciaram nestes manifestos, uma FD patriota. De todo modo, em cada um desses acontecimentos ocorreram processos discursivos diferentes com sujeitos diferentes e, portanto, a intradiscurso dá um novo contraste a cada movimento. Hoje em dia, o discurso patriótico tem fortes vínculos com as formações ideológicas reacionárias e militares, determinadas pelo discurso de ódio a esquerda progressista e pelo chamamento de um Outro que oscila entre patriotismo, militarismo e conservadorismo.

É importante tomar o discurso de ódio não apenas como um discurso em nível textual ou marcado por símbolos escritos. Assim, as SDs de um mesmo movimento político-discursivo marcadas por cenas enunciativas/textuais (SD1, SD2, SD3 e SD4), assim como a SD5, filiadas a FD direita-conservadora, inscrita na FI reacionária e na FI militar, são todas elas acontecimentos discursivos que dizem respeito tanto ao discurso como a conduta, que está mais explicitamente marcada pelo discurso imagético na figura 3. Dito isto, o discurso de ódio deve ser também a conduta, pois uma eventual separação entre conduta e ódio pode vir a causar alguns efeitos de sentidos que escapem da injúria por traz das formações discursiva em jogo:

Quanto mais firmemente estiver estabelecido o vínculo entre o discurso e a conduta, e quanto mais encoberta for a distinção entre o sucesso e o fracasso dos atos, mais fortes serão as razões para afirmar que o discurso não apenas produz uma injúria, dentre suas possíveis consequências, mas constitui uma injúria em si mesmo, transformando-se em uma forma inequívoca de conduta (Butler, 2021, p. 47).

Judith Butler (2021), a partir de uma ótica althusseriana, fala sobre o discurso de ódio como um ato de fala que interpela. Assim, há uma relação entre o discurso de ódio e o Outro (interdiscurso/pré-

construído) que interpela os sujeitos no intradiscurso/acontecimento, colocando-os em uma posição de subordinação em relação a determinados discursos injuriosos que determinam a forma-sujeito:

Diremos, então, que o “pré-construído” corresponde ao “sempre-já-ai” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” constitui sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito (Pêcheux, 1995, p. 162).

O que está determinado de acordo com o interdiscurso que está pré-construído, retomado pelos movimentos aqui expostos, trata-se da forma-sujeito que reproduz a ideologia reacionária/conservadora por meio da FD direita-conservadora. Há, neste sentido, um certo chamamento por instâncias militares e todo este emaranhado de FDs (direita-conservadora) e FIs (reacionária e militar) que apagam o sentido da importância de compreensão das desigualdades entre classes para as escolhas políticas, pois “em linhas gerais o espectro é compreendido apenas a partir de uma relação dicotômica entre esquerda-direita” (Monteiro, 2021, p. 44). Então, os sujeitos – inscritos/filiados a as formações exploradas na análise do presente *corpus* – sem fazerem relação com as questões entre classes, inclusive com relação as classes que os próprios pertencem – fazem reivindicações por meio de atos injuriosos a sujeitos/instituições que se opõem. Isto ocorre devido ao fato da existência de vulnerabilidade marcadas por determinadas formações discursivas que afetam o sujeito – o outro, vulnerável ao discurso injurioso, o mesmo que pertence a grupos e/ou classes de sujeitos dominados que possuem outras reivindicações, contra o que está posto, o “sempre-já-ai” (Pêcheux, 1995, p. 162) – através de determinados chamamentos:

O discurso de ódio revela uma vulnerabilidade prévia à linguagem, uma vulnerabilidade que temos em virtude de sermos seres interpelados, que dependem do chamamento do Outro para existir [...]. Desse modo, às vezes nos apegamos aos termos que nos causam danos porque, no mínimo, eles nos concedem alguma forma de existência social e discursiva (Butler, 2021, p. 52).

O chamamento em questão é determinado por uma discursividade injuriosa que afeta o outro enquanto vítima desta injúria. No entanto, há diversas formas de chamamento e, desse modo, no caso de todas as figuras, recorte e sequências discursivas aqui analisados, há sempre um Outro (FD direita-conservadora no intradiscurso, na esfera do acontecimento; FI reacionária; e FI militar no interdiscurso, na esfera do pré-construído) evocado para que seja possível cometer injúria ao outro (oposições; minorias, instituições que prezam a democracia; e atual presidente da república com seus apoiadores/eleitores, etc.) e assim o ódio a democracia ocorre dentro dos termos estabelecidos por Rancière (2014).

## 5. Considerações finais

A discussão teórica e a análise do *corpus* do presente trabalho possibilitaram concluir que o discurso democrático de “hoje” é constituído por formações discursivas e ideológicas que disputam por

sentidos dominantes relacionados a questões políticas dos mais variados tipos. Neste sentido, tal polarização deve ser compreendida não somente como política no sentido eleitoral ou partidário, mas também como política em seu sentido mais amplo, que se trata do caráter político de divisão do indivíduo que se faz sujeito histórica e ideologicamente na formação social capitalista. Tudo que se produz na esfera política deve ser, portanto, pensado como ideológico.

Diversas questões que envolvem os sentidos sobre democracia talvez seriam melhor absorvidas na medida em que houvesse uma maior compreensão acerca das relações de reprodução-desigualdade-subordinação-transformação entre classes sociais que se contradizem em processos discursivos. Trata-se de processos que apagam ou naturalizam efeitos políticos e ideológicos da formação social capitalista, que rege e constitui discursos e condutas em uma sociedade altamente consumista. Assim, a forma-sujeito tende a ser interpelada por uma noção de democracia que funcione a partir de discursos como os formulados aqui como formação discursiva (FD) direita-conservadora, considerando o discurso democrático atual, sendo estes filiados a formação ideológica (FI) reacionária.

Transversalmente, as DF direita-conservadora e FI reacionária são também relacionadas a ideais de democracia que se vinculam a FI militar. Assim, do ponto de vista político-ideológico, se constitui a atual extrema direita conservadora, na direção do funcionamento efetivo da máquina capitalista, permeada por discursos de ódio que evocam um Outro capaz materializar suas formações discursivas através de injúrias que tentam barrar a democracia ou deslegitimar o outro, o diferente, ainda que por meio de condutas antidemocráticas, injuriosas e violentas. Desse modo, é importante registrar a urgência da compreensão de nosso espectro político-ideológico em contraste com a consciência de classe, diante das desigualdades socioeconômicas, sem que haja a separação entre discurso e conduta, considerando que os atos discursivos devem respeitar a democracia.

## Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i1.2251.R>

Editora

Raquel Meister Ko. Freitag

Afiliação: Universidade Federal de Sergipe

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4972-4320>

## RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Sóstenes Ericson Vicente da Silva

Afiliação: Universidade Federal de Alagoas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0905-1376>

Avaliador 2: Zoroastro Araújo Neto

Afiliação: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5647-928X>

## AVALIADOR 1

O artigo trata de temática relevante e atual, com potencial contribuição aos estudos de discurso. Considero que o corpus apresentado atende ao que está proposto no objetivo geral e que o referencial adotado é coerente com a perspectiva assumida pelo autor. Em se tratando de trabalho científico, foram feitas diversas observações ao longo de todo o texto, no sentido de contribuir com esta produção, com destaque para aspectos teóricos (há algumas imprecisões conceituais), analíticos (especialmente com relação ao que identifica como formação discursiva e formação ideológica), e gramaticais/de digitação. Em tempo, recomendo melhorar a articulação entre as seções 1 e 2, bem como atentar para o diálogo entre vertentes teóricas distintas. Tais apontamentos, conforme afirmado, buscam contribuir para a versão final do texto, e não comprometem a relevância da análise apresentada. Todas as observações e recomendações foram incorporadas aos manuscritos anexados a este parecer.

## AVALIADOR 2

Temática pertinente para os estudos linguísticos e sociais, fomentando reflexões acerca dos sujeitos sociais e o mundo contemporâneo.

O artigo necessita de revisão de linguagem, formatação da ABNT, referências.

O manuscrito contempla originalidade e o título apresenta o desenho proposto da pesquisa.

Sugiro verificar os itens obrigatórios que devem constar no Resumo

## Conflito de Interesse

O autor não tem conflitos de interesse a declarar.

## Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Avaliando os roteiros propostos pela Equator Network, consideramos que nenhum deles se mostra relevante para a pesquisa em tela. Também informamos que a pesquisa desenvolvida não foi pré-registrada em repositório institucional independente.

## Declaração de Disponibilidade de Dados

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

## Fontes de financiamento

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. M. **O espectro político e o sujeito à deriva em redes digitais**: uma perspectiva discursiva de letramento, 2022. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2022.

BUTLER, J. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. Tradução: Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CHOMSKY, N. **Linguagem e mente**: pensamentos atuais sobre antigos problemas. Tradução de Lúcia Lobato; revisão de Mark Ridd. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EdUFSCar 2014.

FISHER, M. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? 1. ed. São Paulo: Autônoma Literária, 2020.

LAGAZZI, S. A equivocidade na circulação do conhecimento científico. **Linguagem em (Dis)curso**, vol.11, n.3, Tubarão, Set. Dez. 2011.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013. Disponível em: <<https://gpect.files.wordpress.com/2016/12/ff130318ae9d9b74571de73bdc7d1509.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MONTEIRO, J. O estado da arte para a análise de discurso pecheutiana no campo político. **Revista Humanidades e Inovação**, v.8, n.36: Discurso e Alteridade I, p. 41-52, jan.-mar. 2021. Disponível em: <<https://revista.unifins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/4930>>. Acesso em: 04 dez. 2023.

ORLANDI, E. P. "A casa e a rua: uma relação política e social". **Educ. Real**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 693-703, set./dez. 2011. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)>. Acesso em: 30 ago. 2023.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. Recortar ou segmentar? In: **Linguística**: Questões e Controvérsias. Série Estudos. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, 1984. p. 09-26.

PÊCHEUX, M. A análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 39-60.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. IN: **Papel da Memória**. Pierre Achard et al. Tradução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 52-53.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PEREIRA, A. C.; MONTEIRO, J. Dez anos das jornadas de junho de 2013: sentidos materializados em manchetes jornalísticas. **Revista Rua**, Campinas-SP, v. 29, n. 2, p. 471-492, nov. 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/rua.v29i2.8675154>>. Acesso em: 01 set. 2023.

RANCIÈRE, J. **O ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.

TONET, I. Prefácio ao Glosas Críticas... de Marx. **Revista Práxis**, n. 05, Belo Horizonte, 1995.